

## ESTUDO DIACRÔNICO DAS PROPAROXÍTONAS PORTUGUESAS<sup>1</sup>



### DIACHRONIC STUDY OF THE PORTUGUESE PROPAROXYTONE WORDS

Mário Eduardo Viaro  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 27/04/2019 • APROVADO EM 01/06/2019

---

#### Abstract

---

In this paper two *corpora* in their synchronies are described, namely the proparoxytone words from Jerônimo Cardoso's *Dictionarium* (1562-1563) and those from the *Dicionário Houaiss* (2001). Diachronic relations between the words of both works, which are almost five centuries distant, are intended to be established. The exact number of proparoxytones in Portuguese involves several questions: from the phonetic point of view, it is necessary to take into account phenomena such as the epenthesis of Brazilian Portuguese, which generates the so-called secondary proparoxytones; from a diachronic point of view, both corpora have problems with the proparoxytones which are actually in use in a synchrony: Cardoso presents a not very representative list of the proparoxytones already existing in his time, and Houaiss, on the contrary, works with a too large list, if we take in account the frequency of use obtained by web search engines.

---

## Resumo

---

O presente trabalho busca descrever dois *corpora* em suas respectivas sincronias, a saber, as palavras proparoxítonas constantes no *Dictionarium* de Jerônimo Cardoso (1562-1563) e as do *Dicionário Houaiss* (2001), assim como traçar relações diacrônicas entre as palavras dessas duas obras, distantes quase cinco séculos uma da outra. A quantidade de proparoxítonas em português envolve questões diversas: do ponto de vista fonético, é preciso levar em conta fenômenos como a epêntese do Português Brasileiro, que gera as chamadas proparoxítonas secundárias; do ponto de vista diacrônico, ambos os *corpora* apresentam problemas com relação às proparoxítonas realmente em uso numa sincronia: Cardoso apresenta uma lista pouco representativa das proparoxítonas já existentes em sua época e Houaiss, ao contrário, trabalha com uma lista grande demais, se levarmos em conta a frequência de uso obtida por mecanismos de busca na *web*.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Proparoxytone words. Lexicography. Etymology. Historical Phonetics. Historical Morphology.

**PALAVRAS CHAVE:** Proparoxítonas. Lexicografia. Etimologia. Fonética Histórica. Morfologia Histórica.

---

## Texto integral

---

### INTRODUÇÃO

A estrutura de uma língua é um assunto nada trivial, como pode parecer à primeira vista. Desde sempre, os gramáticos dividem o léxico português quanto à sua tonicidade em três conjuntos: o dos vocábulos oxítonos, o dos paroxítonos e o dos proparoxítonos. Essa divisão, contudo, pode ser válida ou não, dependendo da época e do método. Assim, se pensamos num inventário como a primeira edição do dicionário Houaiss (2001), diremos que há 18413 verbetes proparoxítonos, ou seja, 12% do total de todos os verbetes, reafirmando a ideia tradicional de que as proparoxítonas formam, dos três conjuntos, o com o menor cardinalidade: vocábulos paroxítonos representariam, segundo esses mesmos critérios, 62% do léxico e os oxítonos, 25% (Viaro & Guimarães-Filho, 2007: 29).

Essa posição de terceiro lugar no *ranking* para as proparoxítonas se confirma mesmo se esses verbetes forem flexionados, embora haja sensível aumento nas formações verbais de primeira pessoa do plural em alguns tempos verbais (um lema como *cantar* se multiplicaria em formas como *cantávamos*, *cantaríamos*, *cantáramos*, *cantássemos*, embora a multiplicação em formas paroxítonas fosse maior). O terceiro lugar também se confirma mesmo se acrescentarmos aos lemas fenômenos fonéticos como epênteses, sínéreses ou ambos. Mais 881 palavras, consideradas paroxítonas pela gramática tradicional, poderiam ser interpretadas

como proparoxítonas por causa de epênteses realizadas entre encontros consonantais pós-tônicos, como em *impacto* [ĩ'pakitu] ou *táxi* ['takisi].

Chamaremos a esse grupo de *proparoxítonas secundárias*. O *terminus a quo* desse fenômeno epentético em português é uma tarefa a ser feita com cuidado, no entanto, não parece razoável que seja atribuído a época anterior ao século XVI, salvo em raríssimos casos que testemunham pronúncias regionais que se oficializaram na língua padrão (como em *februarium* > *fevereiro*), não se descartando, todavia, explicações analógicas para tais casos.

## PROPÁROXÍTONAS SECUNDÁRIAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Das proparoxítonas secundárias, 362 não dispõem de um *terminus a quo*: delas, apenas 5 apontam para uma primeira ocorrência no século XIII (*crucifixo, pugna, repto, signo, vindicta*) e 18 para o século XIV (*anexo, apocalipse, apto, aspecto, benigno, digno, dracma, eclipse, egípcio, erecto, exempto, fênix, indigno, magno, maligno, ônix, precepto, signa*), totalizando 23 palavras de origem medieval hoje proparoxítonas por razão de epêntese na pronúncia brasileira. Do século XV são outras 18 palavras (*ápex, assumpto, circunspecto, condigno, conspecto, corrupto, docto, excepto, fixo, fluxo, infecto, insígnia, invicto, pacto, prolixo, proluxo, raptio, taxo*), ou seja, em sua maioria cultismos latinos, muitos deles com prefixação. Do século XVI são 50 outras palavras (*adicto, afixo, agno, amplexo, apêndix, apoftegma, apotegma, circumflexo, concepto, copto, desígnio, ecllipse, elipse, enigma, epizêuxis, espectro, fidedigno, flegma, galáxia, ígneo, implexo, incompto, incorrupto, índice, inepto, influxo, insigne, intelecto, interrupto, istmo, lácteo, lambda, nafta, néctar, ortodoxo, paradoxo, perluxo, petigma, plectro, progne, prolepse, ramno, recocto, reflexo, refluxo, relapso, sexo, silepse, sílex, zeugma*). Nessa última lista, observa-se inflação de palavras de origem grega, praticamente inexistentes nos séculos anteriores (com exceção de *apocalipse, dracma, eclipse, egípcio, fênix*). Isso se reflete numa maior riqueza de encontros consonantais.

Comparados com outras épocas, os vocábulos do século XVI e dos séculos subsequentes que representam hoje proparoxítonas secundárias têm uma frequência de uso menor (com exceção de *sexo*, a mais frequente de toda a lista). Essa tendência se tornará ainda mais conspícua à medida que nos aproximamos da atualidade.

Somando as ocorrências de todas essas 881 palavras (baseadas em buscas feitas pelo Google em 15/8/2006, no formato de palavras aspasadas, restritas ao idioma português), encontra-se um total de 134.961.736 contextos de uso, que divididos pelas 881 palavras, correspondentes às proparoxítonas secundárias, resulta numa média de 153.192 contextos para cada palavra.

No entanto, apenas 519 têm um *terminus a quo* definido. Retirando-as, a média das palavras interessantes para ser analisadas num viés histórico sobe para 260.042 ocorrências por palavra. Feitas essas restrições (a de um *terminus a quo* e a de palavras usadas acima dessa média), 67 itens se apresentam: um do século XIII (*signo*), dez do século XIV (*anexo, apocalipse, apto, aspecto, benigno, digno,*

*eclipse, egípcio, fênix, magno, maligno*), sete do XV (*corrupto, excepto, fixo, fluxo, infecto, pacto, rapto*), onze do XVI (*desígnio, elipse, enigma, espectro, intelecto, nafta, paradoxo, reflexo, refluxo, sexo*), dez do XVII (*compacto, complexo, convicto, diafragma, intacto, interregno, lapso, nexo, perplexo, tórax*), doze do XVIII (*abrupto, adepto, dogma, estigma, fixa, impacto, inépcia, maligna, paradigma, prefixo, quartzo, ritmo*), onze do XIX (*acne, algoritmo, boxe, colapso, eucalipto, ininterrupto, látex, mogno, óbvio, sinopse, veredicto*) e quatro do século XX (*biópsia, impacte, Nafta, táxi*). Observa-se<sup>2</sup> que há, nessas formas de alta ocorrência, algum tipo de preponderância cognitiva para determinados encontros consonantais e passaremos a analisá-los doravante. Nas listas acima, as epênteses ocorrerão em posições equivalentes aos grafemas <bv>, <cn>, <ct>, <ft>, <gm>, <gn>, <pc> ~ <ps>, <pt>, <tm>, <tz>, <x>. A partir da lista de 881 verbetes com proparoxítonos secundários, constata-se que muitos desses encontros equivalem aos encontros mais frequentes:

**Tabela:** Frequência de encontros consonantais em sílabas postônicas nas proparoxítonas

| Encontros consonantais | Alta frequência | Total   |
|------------------------|-----------------|---------|
| <bv>                   | 1               | 1       |
| <cn>                   | 1               | 16      |
| <ct>                   | 11-14           | 227     |
| <ft>                   | 2               | 6       |
| <gm>                   | 5-6             | 53      |
| <gn>                   | 9               | 38      |
| <pc> ~ <ps>            | 9               | 108     |
| <pt>                   | 8               | 69      |
| <tm>                   | 2               | 9       |
| <ts> ~ <tz>            | 1               | 8-20    |
| <x>                    | 18-21           | 231     |
| Outros                 | 0               | 103-115 |
| Total                  | 61-68           | 881     |

Fonte: Elaborada pelo autor

Os números oscilantes na coluna de alta frequência computam algumas formas sem datação também com alta frequência (*facto, jacto, láctea, sigma, anexa, axe, práxis*). Além disso, algumas informações se fazem necessárias para a análise que faremos a seguir das proparoxítonas primárias:

- Apesar do encontro <bv> ocorrer em outras palavras, 'óbvio' é a única ocorrência de proparoxítona secundária (e passa a exercer essa função somente a partir do século XIX, *terminus a quo* determinado pelo dicionário Houaiss). A sequência postônica [biv] não existe em nenhuma palavra proparoxítona primária. Essa posição de hápax torna a palavra "óbvio" *refratária ao conceito de estrutura linguística*, uma vez que sua oposicionabilidade é nula (Viaro & Guimarães-Filho, 2010:141).

• O encontro <cn> tem uma grande distância entre a forma de alta frequência ‘acne’ e todas as demais, com frequência muito mais baixa (*acna, ácnea, ácnua, andracne, anfitecna, blecno, cloracne, diplacne, dorícnio, estricno, isacne, isopicna, licne, ocna, pseudosporocno*). Nesse sentido, tanto <bv> quanto <cn> são *moldes analogizadores*, pois se hipotetiza que qualquer resultado de transformação fônica que venha a conter algum encontro [biv] ou [kin] postônico terá sofrido analogia, respectivamente, dos itens lexicais ‘óbvio’ e ‘acne’. No caso de ‘óbvio’, isso se dá porque é a única palavra do conjunto que denominaremos “vocábulos com [biv] postônico”, já no caso de [kin], por ser a única palavra saliente, por sua frequência de uso do conjunto “vocábulos com [kin] postônico”. Diremos que esses itens, por causa desses dois motivos, têm grande *potencial* para atuarem como moldes fônicos (Viaro, Ferreira & Guimarães-Filho, 2013: 58-105).

• No caso de [kin], uma palavra como *acne* não atua sozinha. Há pelo menos mais uma palavra entre as proparoxítonas primárias, a saber, *máquina*, com alta frequência de uso. Diremos que o conjunto de proparoxítonas do português brasileiro atual denominado “vocábulos com [kin] postônico” tem (neste ponto da argumentação) a atuação de pelo menos dois moldes analogizadores detectáveis: *acne* e *máquina*. Como o termo *máquina* é mais antigo que *acne*, pois remonta ao século XV, diremos que, do século XV ao XIX, a palavra *máquina* atuou como hápax desse conjunto e o fenômeno da epêntese por meio de [i], surgida entre esse período, possibilitou a introdução de um segundo molde. Quando apareceu, aumentou progressivamente a frequência de uso da palavra *acne*.

• Antes do surgimento de *acne*, no século XIX, e antes do progressivo aumento em sua frequência de uso, o subconjunto<sup>3</sup> [kin] aumentou ainda o número de seus moldes, tão logo o fenômeno da epêntese do [i] se tornou sistemático em diversos encontros consonantais. Entre as proparoxítonas primárias há vários casos de <cn> que formam sobresdrúxulas de potencial igualmente grande, que aumentaram a saliência de [kin]. Acima das 200.000 ocorrências, por exemplo, encontram-se palavras como *técnica, técnico* e seus derivados *eletrotécnica, politécnica* e *politécnico*, que surgiram entre os séculos XVIII-XIX. Do século XVIII seria a palavra *técnico*, mas no XIX abonam-se 17 palavras, quase todas derivadas de *técnico* ou *técnica* (exceto uma, *esplâncnico*, de baixa frequência de uso) e o mesmo ocorre com 16 outras, cujo *terminus a quo* se localiza no século XX (todas derivadas de *técnico* ou *técnico*, à exceção de *pícnico*, com baixa frequência de uso).

Conclui-se, pelo dito acima, que no tocante às proparoxítonas:

1. existem subconjuntos que são, na verdade, paradigmas de vocábulos com sequências de sons que podem ser representados por um único vocábulo, como foi o molde fônico [kin] do século XV ao XVIII com seu único representante saliente, *máquina*; outros moldes, porém, são altamente produtivos, independente se esses paradigmas são sequenciais ou se formam morfemas (prefixos, sufixos etc.) e poderíamos chamar tais moldes de *morfologicamente dependentes*, como se verá abaixo;

2. os moldes aumentam ou diminuem à medida que determinados fenômenos fonéticos ocorrem na língua, por exemplo, a epêntese sistemática da

vogal [i] entre certos grupos consonantais, desenvolvido em alguma sincronia pretérita posterior ao século XVI, aumentou a cardinalidade do molde fônico [kin] a partir do século XVIII acrescentando a ele a palavra *técnico* por meio da epêntese da sequência <cn>, desse modo, [kin] passou a ter dois representantes com alta frequência de uso, a saber, *máquina* e *técnico*. Mais tarde, uniu-se a eles também a palavra *acne*.

Essas três palavras (*máquina*, *técnico* e *acne*) representam o potencial do molde fônico, de modo que ao dizermos “molde fônico [kin]” estamos nos referindo ao conjunto de palavras com essa sequência de sons, representada de dois modos:

1. <*máquina*, *técnico*, *acne*> segundo a sequência cronológica: *máquina* no século XVI, *técnico* no século XVIII e *acne* no século XIX;
2. {*técnica*, *técnico*, *máquina*, *politécnico*, *politécnica*, *acne*} segundo a ordem decrescente da frequência de uso atual: *técnica*, com 28.200.000 de ocorrências, *técnico* com 23.600.000, *máquina* com 8.650.000, *politécnico* com 1.160.000, *politécnica* com 972.000, e *acne* com 394.000.

Cumpra lembrar que as representações acima são *teóricas*: não só as medições de frequência de uso variam, mas também o molde [kin] ainda dispõe de 31 palavras sem informação quanto ao *terminus a quo* (várias derivadas de *técnico* e *técnica*, mas também: *arácnido*, *asplâncnico*, *lícide*, *neurosplâncnico* todas sem representatividade no tocante à frequência de uso). O fato de *técnico* ter adquirido maior representatividade dentro do molde fônico facultou a possibilidade de atuação como morfema independente, de modo que muitas palavras derivadas foram formadas por meio dele (*antropotécnica*, *audiotécnica*, *eletrotécnico*, *geotécnico*, *grafotécnico*, entre outros). Resumidamente, podemos dizer que o molde surge numa determinada sincronia, adquire saliência ou não mediante a frequência de uso dessa época, aumenta ou diminui por meio de derivações ou por meio de acidentes fonéticos e, em razão dessa mudança de cardinalidade, altera o *status* dos próprios moldes preexistentes, tal como vemos acima, com a preponderância de *técnica* sobre *máquina* dentro do molde, a despeito de ser palavra mais recente.

## PROPÁROXÍTONAS SECUNDÁRIAS MORFOLOGICAMENTE DEPENDENTES

Entendido o caso do molde [kin], vejamos o caso de [tim], presente atualmente em *ritmo*. Há nove verbetes com <tm> que sofrem epêntese, cinco deles com frequência de uso média ou alta (*algoritmo*, *biorritmo*, *istmo*, *logaritmo* e *ritmo*), o que alarga o molde fônico à esquerda para a vogal tônica e à direita para a postônica final, a saber <itmo>. A forma mais antiga de <tm> é *istmo* (século XVI), seguida de *logaritmo* (século XVII) e de *ritmo* (século XVIII), as demais são do século XIX (entre elas a saliente *algoritmo*) e XX (como *biorritmo*). O uso de *ritmo*

como elemento de composição (*arritmo, biorritmo, tetrarritmo*) é um indicativo de que *ritmo*, por ser a mais saliente do grupo, mesmo não sendo a mais antiga, assumiu a capacidade de ser a unidade significativa prolífica (Viaro, 2010: 173-190). Nas proparoxítonas primárias, vemos que [tim], antes da saliência de *ritmo*, era representado sobretudo por palavras como *sétimo* (século XII), *empréstimo*, *último* (século XIV), *lástima*, *legítimo* (século XV), *íntimo*, *marítimo*, *vítima* (século XVI), *ótimo*, *penúltimo* (século XVII).

O caso de <tz>, representado pela palavra de alta frequência ‘quartzo’ ocorre como saliente num conjunto com cardinalidade de oito palavras, sete das quais têm baixíssimas frequências, a maioria em palavras posteriores ao século XVIII, com um ditongo decrescente <ia> postônico: (*benítzia, biquartzo, dêutzia, eschschóltzia, estrelítzia, hablítzia, swártzia*), que, aparentemente, é um molde fônico em léxicos especializados, cruzando desse modo nossa análise não só com a morfologia, mas também com estudos que interessam à ciência terminológica: dito de outro modo, para a produtividade das formas em <tzia> em neologismos da botânica, por exemplo, dentro do qual estariam as palavras *benítzia, dêutzia, eschschóltzia, estrelítzia, hablítzia, swártzia*, não importaria tanto a frequência do léxico não-terminológico, pois dentro desse subconjunto adquirem uma cardinalidade maior do que se fossem considerados como integrantes de um “léxico comum” do português (algo semelhante se poderia dizer de fenômenos que dizem respeito à neologia em ciências onomásticas, tal como na toponímia e na antroponímia, em que há moldes fônicos como *-piranga* ou *-valdo*). O número de palavras formadas com o molde [tiz] postônico é desprezível fora dessas áreas (cite-se apenas a palavra *cítiso*, de baixíssima frequência de uso).

Na tabela acima, os “outros” moldes, contariam, além de <tz>, também de <bch>, <bd>, <bm>, <bn>, <bs>, <bz>, <cm>, <dc>, <dg>, <dj>, <dm>, <dn>, <ds>, <dt>, <dz>, <fn>, <gb>, <gk>, <gs>, <mn>, <pn>, <tc>, <tch>, <tg>, <tn>, <tsch>, <tv>, <tx>, <wn> ~ <vn>, sobre os quais ainda podemos fazer algumas observações: são formas antigas apenas *dracma* (século XIV), *lambda* e *ramno* (século XVI), a última com baixíssima frequência de uso e datação suspeita. Dos dois séculos seguintes há quatro formas em <mn>, a saber *âmnio, dictamno, medimno* (século XVII) e *indemne* (século XVIII) e a grande maioria se encontra no século XIX com 24 verbetes (*ábzoa, acapna, acapno, acme, antilambda, beilschmídtia, cádmio, calitâmnio, dacma, dócmio, epidâmnio, equidna, lemna, lêmnio, metagítnias, metagítnio, metalímnio, paulównia, polímnia, sarotamno, têmnio, tetradracma, tilândsia, trocmo*) e 17 no século XX (*abnóxio, chibcha, dafne, dahlstédtia, epilímnio, gângster, háfnio, hipolímnio, legba, metagítnion, óvni, pábstia, roentgen, trequedipna, trequedipno, vodca*). É evidente a quantidade de termos pouco frequentes, muitos deles extraídos de terminologia científica (botânica, zoologia, química etc.) e a maior diversidade de origem, que inclui não só raízes gregas, mas também palavras provenientes do inglês, russo, línguas africanas e asiáticas, entre outras.

O mesmo se pode dizer das 55 palavras remanescentes sem indicação de *terminus a quo* (*abmho, ábsus, adenocalimna, bártschia, bodisatva, brackenrídgea, cádmium, campodza, chacma, colúmnea, czarevna, dáfnia, dennstaédtia, diracma, ditamno, dúbnio, epacmo, fúndji, hipno, hipodócmio, igbo, infúndji, inlândsis,*

*intercolúmnio, krintxa, menacma, menecma, midje, miliroentgen, mirotamno, mitracma, mitracme, mitrasacma, mitrasacme, molotxa, mussodja, nhabedja, nhobedje, nítzschia, nylândtia, palóvnia, picrâmnia, pontxe, quibitca, recabdo, rúgbi, santxo, schombúrgkia, simmôndsia, tillândsia, tsarevna ~ tzarevna, ubândgi, uputxo, welwítschia*), praticamente nenhuma com alguma representatividade como molde fônico (a não ser talvez *rúgbi*) e muitas delas resolvidas por outras soluções de pronúncia, como a não-epêntese, que as manteriam paroxítonas sobretudo nos casos em que há encontros como [tʃ] e [dʒ], que são realizações corriqueiras dos fonemas /t/ e /d/ nas variantes do português brasileiro.

## A DETERMINAÇÃO DA SUBSEQUÊNCIA FORMAL À SÍLABA TÔNICA

Essa análise exaustiva de possíveis proparoxítonas secundárias cria-nos algumas hipóteses com respeito à estrutura das próprias proparoxítonas primárias.

No quadro acima, o caso de <ft> traz novamente a questão do cruzamento entre fonética e morfologia. Representado por apenas cinco palavras (*afta, cafta, cáften, nafta, rifte*), todas de baixa ou média frequência de uso, se incluídas no molde fônico [fit] se fundirão a um grupo bem maior de paroxítonas primárias com 157 verbetes, que excluindo *neófito* (século XIV) são todas recentes (posteriores ao século XVIII), de baixa frequência de uso e vinculadas a um morfema *-fit(o/a)* utilizado na terminologia botânica (*epífita, pteridófito, saprófito* etc.). Questões relativas à produtividade desse molde só podem levar em conta as características desse subconjunto de palavras.

O mesmo se pode observar com relação ao molde fônico associado à tônica. Se pensarmos no encontro <gm>, veremos que das 44 palavras com <g> na coda da sílaba tônica:

- 31 eram seguidas de <na>, sendo que todas terminavam ou em <ta> ou <to>, pois estavam relacionadas ao radical grego *-gnat(a/o)* ligado a descrições anatômicas de mandíbulas (cf. *ágnato, braquígnato, hipógnata* etc.);
- 6 eram seguidas de <ni> e nesse caso, a forma saliente é quase sempre <cógni>: *cógnito, incógnita, incógnito, precógnito*, mas também: *ígnitron, cleptolágnico*;
- 3 eram seguidas de <mi>, todas palavras recentes, de baixa frequência, criadas a partir de elementos de origem latina ou grega (*ablégminas, esfígnico, tégmina*);
- 1 era seguida de <ma>: *anástígmata*, de <do>: *mígdone* e de <da>: *amígdala*.

No entanto, se <g> está na coda da pretônica, situação de 118 palavras:



- 30 palavras são seguidas de <mática> ou <mático>, sem nenhuma outra possibilidade de outras opções para as postônicas imediata e final (sendo as palavras mais salientes: *pragmática*, *enigmático*, *dogmático* entre outras): tal situação se contrasta com o único caso acima citado de <gma> átono (a saber, *anastigmata*);

- 19 palavras são seguidas de <nética> ou <nético>, também, sem nenhuma outra possibilidade para as postônicas, devido a derivações da palavra *magnético*;

- 14 palavras são seguidas de <ní>, porém, várias morfemas se encontram nesse caso, como se depreendem de terminações como <nícola>, <nífero>, <nígero>, <nífugo>, <nívomo>, <nífico>: podemos dizer que <ní> não é um molde que determina as sílabas subsequentes, enquanto <má> e <né> são moldes cuja *subsequência formal* é determinada;

- 4 palavras seguidas de <nó>, por exemplo, têm subsequência formal determinada, uma vez que são todas terminadas em <nósico>: *abarognósico*, *baragnósico*, *barognósico*, *hilognósico*;

- 26 palavras seguidas de <nós> também, uma vez que todas, na verdade, são formas em <nóstico>: por exemplo, *agnóstico*, *prognóstico*, *diagnóstico* etc. Novamente, a razão histórica para isso foi a preferência, em neologismos, de um morfema {gnóstic} sob o molde de *prognóstico* (século XV), *gnóstico* (século XVII), *diagnóstico* (século XVIII), ampliados nos séculos subsequentes.

- As demais palavras, isto é, as seguidas por <dá>, <mê>, <mí>, <mís>, <mó>, <mô>, <mós>, <ná>, <nâ>, <nái>, <nô>, <nóp>, <sí> têm pouca prolificidade e/ou não têm a subsequência formal claramente determinada, no entanto, observa-se a predominância de algumas características fônicas: em nenhuma delas a vogal é <ú> ou uma vogal nasal, em muitas delas, o *onset* é uma consoante nasal <m>, <n> ou uma consoante alveolar <d>, <n>, <s> e não, por exemplo, uma velar. Essas tendências, criadas por acidentes históricos, são gatilhos para possíveis produtividades futuras, que garantem algum tipo de previsibilidade, dentro das limitações impostas por fenômenos culturais, como são as línguas.

## **PARTICULARIDADES DE UM CORPUS EM SINCRONIA: CARDOSO (1562-1563)**

Vejamos agora um *corpus* numa sincronia pretérita que podemos tomar como base para comparar com o Dicionário Houaiss (2001).

Valendo-nos da obra *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem* (1562/1563) de Jerônimo Cardoso (c1508-1569), com cerca de dez mil itens lexicais, observou-se a existência de 207 itens lexicais que equivalem a palavras com alguma fundamentação etimológica que justifique afirmar terem sido proparoxítonas. Excluímos o verbete *figuado* [62r] por não sabermos se na época de Cardoso era proparoxítona ou paroxítona. Toda vez que um item lexical for extraído da obra de Cardoso, informar-se-á, entre colchetes, o número do fólio seguido de uma letra (*r* para *recto* e *v* para *verso*).

É óbvio que Cardoso não representou *todas* as palavras proparoxítonas de sua época, mas com certeza, as que lhe pareceram mais salientes na memória. De qualquer forma, nesse repositório, observam-se algumas características dignas de menção:

1. A primeira delas é a grande frequência de palavras trissílabas, ou seja, sem pretônicas: 124 (59,9%), percentagem muito mais alta do que a que se encontra no Houaiss: 1886 (10,24%). Quando ocorrem, são formas de uma ou duas sílabas, terminadas em vogal (*a-*, *ante-*, *ca-*, *cana-*, *catre-*, *ce-*, *ci-*, *co-*, *condi-*, *de-*, *di-*, *dia-*, *do-*, *e-*, *fi-*, *gra-*, *hi-*, *hie-*, *i-*, *indi-*, *le-*, *ma-*, *mani-*, *opi-*, *pa-*, *pre-*, *primo-*, *pro-*, *re-*, *sala-*, *vi-*), semivogais <au-, frei-> ou consoantes <l> (*al*), <m> ~ <n> (*an-*, *em-*, *fan-*, *man-*), <r> (*car-*, *far-*), <s> (*aris-*, *as-*, *cis-*, *dis-*, *es-*, *pes-*, *res-*);

2. A sílaba tônica é formada por estruturas do tipo 'v (-á- ~ há-, â-, é-, í-, ó-, ú-), 'vc (ál-; ân-, ím- ~ ín-; ár-; ás-, hós-); 'cv (bá-, cá-, chá-, dá-, fá-, gá-, lá-, má-, ná-, nhá-, pá-, rá-, sá-, tá-; -câ-, -nhâ-, -tâ-; bê-, fê-, gê-, pê-, zê-; cé-, gé-, mé-, né-, pé-, ré-; bí-, chí-, cí-, dí-, fí-, gí-, lí-, mí-, ní-, pí-, tí-, vi-; cô-, fô-, nô-, rô-, rô-, sô-; -bó-, có-, dó-, ló-, mó-, pó-, tó-; bú-, çú-, dú-, mú-, nú-, pú-, sú-, tú-); 'CVC (bál-, dúl-, pól-, púl-; -bún-, -cân-, -fân-, -lâm-, -mân-, sân-, tân-, -tên-; bár-, már-, cór-, tár-, -xér-; bés-, fís-, más-, -mês-, -mís-, nês-, -nós-, -pís-, -pós-, rís-, rús-, -tás-), 'CCV (clé-; cré-, -crú-, -drá-, prá-, prí-, pró-, trá-, -trí-, trô-, -tró-) e 'CCVC (prín-, -prés-, -prós-). O hífen à direita indica que a sílaba ocorre na posição inicial ou medial; a ausência do hífen indica que só ocorre na posição inicial.

3. A sílaba postônica imediata pode ter duas estruturas: CV (-ba-, -ca-, -cha-, -da-, -fa-, -ga-, -la-, -ma-, -na-, -pa-, -sa-, -ssa-, -ta-, -va-, -za-; -be-, -ce-, -de-, -fe-, -ge-, -le-, -me-, -ne-, -pe-, -que-, -re-, -rre-, -se-, -sse-, -te-, -ve-; -bi-, -ci-, -di-, -fi-, -gi-, -li-, -mi-, -ni-, -qui-, -ri-, -si-, -ti-, -vi-, -zi-; -bo-, -ço-, -do-, -fo-, -lo-, -mo-, -no-, -po-, -ro-, -so-, -to-, -vo-; -bu-, -pu-) e CCV (-bri-, -cri-, -fri-, -gre-, -gri-, -pri-). Chama à atenção a existência de sílabas em <u> apenas depois de bilabiais e a preferência por vogais anteriores quando a estrutura é CCV.

4. A sílaba postônica final pode ter três estruturas: CV (-ca-, -co-, -da-, -de-, -do-, -fo-, -ga-, -go-, -la-, -lo-, -ma-, -me-, -mo-, -na-, -pe-, -ra-, -re-, -ro-, -ta-, -to-, -va), CVC (-das-, -gas-, -gos-, -los-, -nes-, -ras-, -res-, -ros) e CCV (-bro-, -dro-, -tra-, -tre). Na verdade, a estrutura CVC não corresponde a uma estrutura real, pois a última consoante será sempre {s}, morfema de plural. É visível a preponderância, de modo geral, das vogais <a> e <o>, assim como de consoantes dentais na estrutura CCV final.

Esses dados podem ser significativos ainda hoje, pois é sabido que vários fenômenos permanecem ao longo dos séculos em pancronia (como a inexistência de vocábulos iniciados com [r] ou [ʝ]). No entanto, tais conservações são difíceis de detectar.

A preponderância de <bu> e <pu> em sílabas postônicas não-finais, por exemplo, em detrimento de outras vogais, é um fenômeno que não se pode mais verificar. Das 667 palavras do Houaiss que apresentam um <u> nessa posição, <cu> tem 240 ocorrências, <tu> tem 76, <fu> tem 72, <bu> tem 52 e <pu> tem 26, depois de <ru> com 51, <nu> com 41, <du> com 31, <mu>, com 29, <lu> também com 26.

Muitos desses têm subsequência formal determinada, sendo que em muitos deles a sílaba final será sempre <lo>, <la> e em alguns casos, <go> (terminação -*fugo*) ou <plo> (terminação -*tuplo*). No caso de <cu>, mais da metade, isto é, 146 verbetes recebem <lo>, refletindo formas cultas provenientes da terminação latina diminutiva -*culus*, *a*, *um*, ou inspiradas nela.

Essas formas mais antigas revelam algumas diferenças em relação às formas atuais, que se pode justificar por preferências denunciadas pela subsequência formal, mais ou menos determinada, que refletem, sem dúvida alguma, o mecanismo analógico atuante na sincronia pretérita:

- a vogal postônica imediata oscila, tal como vemos em: *abóboda* (atual *abóbada*), *álemo* (atual *álamo*), *astrólogo* (atual *astrólogo*), *azêmala* (atual *azêmola*), *béspara* (atual *véspera*), *capítulo* (atual *capítulo*), *cédola* (atual *cédula*), *lídimo* (atual *lídimo*), *nêspara* (atual *nêspera*), *púlpeto* (atual *púlpito*), *ríspedo* (atual *ríspido*), *título* (atual *título*), *úmedo* (atual *úmido*);
- as pretônicas também oscilam, como em: *macânico* (atual *mecânico*);
- a vogal tônica também oscila, como em: *estâmago* (atual *estômago*);
- as consoantes oscilam, tais como: *célebro* (atual *cérebro*), *álvidro* (atual *árbitro*), *arávigo* (atual *arábico*);
- por fim, toda a estrutura vocabular oscila, como em: *açúquere* (atual *açúcar*), *almíquere* (atual *almíscar*), *cegárega* (atual *cigarra*), *cárrega* (atual *carga*), *corônica* (atual *crônica*), *mandrácola* (atual *mandrágora*), *salamântega* (atual *salamandra*), *Tângere* (atual *Tânger*).

## DIACRONIA: CONTRASTE ENTRE CARDOSO (SÉC. XVI) E O DICIONÁRIO HOUAISS (SÉC. XXI)

A seguir elencam-se todas as formas proparoxítonas encontradas no Dicionário Houaiss, século a século, até o Renascimento, seguidas dos verbetes disponíveis em Cardoso (1562/1563).

### PROPAROXÍTONAS SURGIDAS NO PORTUGUÊS ATÉ SÉCULO XIII

Há 996 proparoxítonas no Dicionário Houaiss (2001) cujo *terminus a quo* é menor ou igual ao século XVI. Até o século XI, abonam-se 16 palavras como *ábare*, *abóbora*, *alfétena*, *árvore*, *bácoro*, *bárbaro*, *basílica*, *cômoro*, *córrego*, *gótico*, *páramo*, *presbítero*, *préstamo*, *príncipe*, *trigésimo*, *túnica* (somente quatro ocorrem

em Jerônimo Cardoso: *árvore ~ árvores, bácoro, bárbara, príncipe*). Para o século XII abonam-se sete: *alcáceva, alcândara, anúduva, apréstamo, fábrica, madrepora e válido* (somente três se encontram em Cardoso, na forma de variantes: *alcáçova, alcândora, fábrica*). Também consta como sendo do século XII no Dicionário Houaiss a palavra *alcácer*, correspondente ao verbete *alcácere* em Jerônimo Cardoso.

Com o *terminus a quo* para o século XIII encontram-se 78 verbetes no Dicionário Houaiss: *abóbada, ábrego, achádigo, adúltero, álamo, alcântara, almáfaga, almáfega, alvíssara, âncora, antifona, apóstata, apostólico, apóstolo, árbitro, autêntico, bálsamo, bêbedo, bragádiga, cálice, cáliga, câmara, cântara, cântico, capítulo, cárcere, católico, chicharo, cítola, clérigo, cócedra, cônego, cövado, dádiva, décimo, discípulo, dívida, dízima, dízimo, duodécimo, dúvida, epístola, espírito, estábulo, filósofo, física, físico, fôlego, hábito, hidrónico, hospeda, hospede, ídolo, íntegra, lágrima, lâmpada, Lúcifer, manípulo, mármore, paralítico, prólogo, propugnáculo, público, púrpura, récova, sábado, século, sétimo, sodomítico, tálamo, término, título, tôdolos, trêfego, undécimo, venábulo, véspera, vigésimo* (dos quais aparecem 48 em Cardoso: *abóboda, achádego, adúltera ~ adúltero, alâmpada, alcântara, álemo, almáfega, álvidro, âncora, apóstolo, autêntica, bálsamo, bêbado, béspara ~ béspera, cácere, câmara ~ câmaras, cântara, capítulo, católica, chicharo, clérigo, cônego(s), dádiva, discípulo ~ dicípula ~ dicípulo, dívida(s), dízimo, dúvida, epístola, filósofo, física, físico, fôlego, hábito, hospeda, hospede, ídolo, lágrima, mármore, prólogo, púbrico ~ pública, récova, sábado, título*). Também consta como sendo do século XIII no Dicionário Houaiss as palavras *câncer* e *carga*, correspondente aos verbetes *câncere* e *cárrega* em Jerônimo Cardoso.

#### PROPÁROXÍTONAS SURGIDAS NO PORTUGUÊS NO SÉCULO XIV

Com datação mais antiga situada no século XIV, o dicionário Houaiss cita 160 verbetes: *abóbada, aborígene, absidiola, acéfalo, alâmpada, alárabe, alcânave, alcândora, alfândega, alfávega, almádena, almáfega, almécega, almôade, almorávide, anátema, angélico, ângulo, antípoda, antípode, árabe, aritmética, armênico, aromático, arquipélago, áspero, áspide, astrólogo, astrônomo, azêmola, ázimo, beatífico, bigamo, bívora, bolarmênico, brâmane, búfalo, búlgaro, cacófaton, cágado, cálamo, cânave, cânone, canônico, cântaro, cântica, carbúnculo, cárcava, catecúmeno, cátedra, cédula, centésimo, cláusula, crisólito, cristianíssimo, crônica, dágara, dalmática, decrépito, diabólico, diácono, diálogo, doméstico, eclesiástico, ecônomo, empréstimo, escândalo, escolástico, espéculo, êxtase, fantástico, fígado, frenético, frutífero, furúnculo, gálbano, gênese, gramática, hagiógrafo, hepático, hipócrita, hospedádigo, idólatra, ilícito, ímpeto, incubo, índigo, íntegro, lâmpado, látego, lázaro, lícito, lídimos, lógica, lógico, mágico, mandrágora, matrícula, metafísica, metáfora, mísero, místico, múrice, músculo, música, nádega, neófito, nigromântico, nonagésimo, número, octogésimo, odorífero, pacífico, pássaro, pélagos, pértiga, pílula, plátano, primogênito, propósito, próximo, púcaro, quadragésimo, quinquagésima, quinquagésimo, relâmpago, retábulo, retórica, rústico, santíssimo, sátiro, septuagésimo, sexagésimo, símbolo, símile, simoníaco, síncope, sofisticado,*

*subdiácono, súbdito, súbito, súdito, tabernáculo, tâmara, tártaro, tábola, têmpera, teológico, tímido, trascâmara, tríbulo, tríptico, turíbulo, úlcera, último, úmido, vândalo, víbora, vocábulo, vulgívago.*

Desses, Cardoso abona 58: *alfândega, almécega, angélica, arávigo, arismética, áspero, astrólogo, azêmala, ázimo, bíbora ~ víbora, búfaro, cágado, cânones, cântaro, carbúnculo, cédola, corônica, diabólica, doméstica, empréstimo, escândalo, fantástico, farnético, gramática, hipócrita, idólatra, ilícita, ímpeto, látego, lázaro, lícita, lídemo, lógica, lógico, mandrácola, matrícula, mísero, música, nádega, números, pacífico, pássaro(s), prepósito, primogênito, púcaro, relâmpago, retávolo, retórica, rústico, súdito, súpeta, tâmara, tártaro, tábola, tríbulo, úmedo.* Também consta como sendo do século XIV no Dicionário Houaiss a palavra *açúcar*, correspondente ao verbete *açúquere* em Jerônimo Cardoso.

### PROPÁROXÍTONAS SURGIDAS NO PORTUGUÊS NO SÉCULO XV

Como sendo do século XV, aparecem no Houaiss os seguintes 194 verbetes: *acadêmico, achádego, áfrico, agárico, alcáçova, alegórico, álemo, alíquota, almárcova, almoçarabe, altíssimo, âmago, âmbula, amoníaco, anagógico, andábata, ânimo, antártico, antecâmara, apócrifo, apologético, árabe, ártico, arquipresbítero, artético, ártico, artigo, astrônimo, ático, átomo, auréola, bêbado, bélico, beneplácito, benévolo, bétele, betônica, calórico, cânfora, cânhamo, capitula, carântula, cáravo, cárcova, cefálico, cenáculo, cérebro, ciático, cínico, círculo, cismático, cócaras, cócega, código, cólera, colérico, cópula, cosmógrafo, crédito, crepúsculo, débito, década, deífico, délfico, depósito, econômica, édito, egípcio, enxávega, enxávego, epilético, eremítico, escrópulo, escrúpulo, esférico, estímulo, estômago, ética, étnico, evangélico, excêntrico, êxedra, exército, êxodo, explícito, extático, extrínseco, fábula, fístula, fleumático, generaládego, gênero, gênito, geometra, hiperbólico, historiógrafo, ilídimo, índico, intrínseco, irônico, itálico, junípero, júpiter, lâmina, lástima, legítimo, levítico, líquido, lôbrego, lunático, magnânimo, magnífico, máquina, máscara, mecânico, médico, melancólico, mérito, mirabólano, mirífico, moçarabe, monástico, músico, navícula, nêspera, nobilíssimo, nômima, opósito, ósculo, papádego, parágrafo, pático, pécora, peripatético, pêssego, péssimo, pestífero, pináculo, pitagórico, poético, política, político, pólvora, pontífice, porciúncula, prática, prático, preâmbulo, precípito, prepósito, préstemo, préstimo, pretérito, pródigo, profético, prognóstico, pronóstico, próspero, púcara, púlpito, relâmpado, república, retórico, retrógrado, reverendíssimo, rótulo, sacratíssimo, sacrílego, sáfaro, sândalo, sílaba, sinédoque, sínese, sínodo, socrático, solícito, tácito, têmpera, teólogo, teórica, teórico, tépido, terrádego, testículo, tômboro, tráfego, trópico, tropológico, unigênito, versículo, viático, vômito, xáquima, zodíaco.*

Desses, estão abonados em Cardoso os 40 seguintes: *África, ânimo, antecâmara, cânamo ~ cânemo, cânfora, célebro, ciático, cismático, cócegas, crédito, depósito, escrúpulo, estômago, exército, fábula, freimático, legítimo, líquida, macânico, manhânimo, manífico, máscara, médico, músico, nêspara, nômima, pêssego, pestífera, pólvora, prática, pródigo, pronóstico, próspero, púcara, púlpito, república, retórico, rótulo, sândalos.* Também consta como sendo do século XV no

Dicionário Houaiss a palavra *comitre*, correspondente ao verbete *cômitre* em Jerônimo Cardoso. O termo *láparo*, constante de Cardoso, aparece no Dicionário Houaiss como sendo do século XVII, no entanto, na versão online do Grande Dicionário Houaiss, essa data foi retrodatada para os séculos XV-XVI.

## PROPÁROXÍTONAS SURGIDAS NO PORTUGUÊS NO SÉCULO XVI

Por fim, para o século XVI, o dicionário Houaiss abona 540 verbetes: *ábaco, abrotano, abscondito, acântico, acólito, acômodo, acutíssimo, adminículo, adriático, ádvena, aférese, agáloco, ágama, agógico, águila, alcaçárico, alcâncara, alcâneve, alcíona, alcíone, alcórcova, alemânico, álgebra, alienígena, alígero, almôndega, alpestrico, alquímico, altíssimo, amabilíssimo, amaritúdine, âmbito, anáfega, analógico, anaxagórico, andrógino, andrômeda, anélito, anfibológico, antepenúltimo, antíctone, antídoto, antífrase, antiperístase, antítese, antropófago, apendículo, ápice, apócope, apólite, apológico, apóstrofo, aquático, áquila, áquilo, árabo, árca, árdego, areópago, argonáutica, árido, aríete, aristotélico, aritmético, armígero, arômeta, arquétipo, artífice, arúspice, asiático, asmático, assírico, astrágal, astrífero, astrológico, astronômico, atlântico, atlético, atônito, áugure, áulico, aurífero, austríaco, ávela, ávila, azáfama, babilônico, bácaro, báculo, balsâmico, báratro, bátega, bática, belacíssimo, belígero, benemérito, bétere, bético, bíbulo, bicípite, binômio, bitácula, brâmine, brasílico, britânico, bucólico, cabalístico, cacossínteton, cáfila, cáldo, canacápole, canafístula, cândido, cárdice, cataléptico, catálogo, catedrático, catóblepa, caulículo, causídico, cáustico, celeberrimo, célebre, célico, celícola, céltico, cérbere, cerimoniático, ciática, científico, címbalo, cítara, cítico, cívico, clavícula, cócoras, códice, cónito, cólica, cômico, cômido, compádrego, cômplíce, compósito, cõncavo, concêntrico, condiscípulo, cõnsono, contérmino, contracédula, conventículo, córculo, coríntico, cornígero, corógrafo, cósmico, crástino, crédulo, crítico, cromático, crônico, cronógrafo, cúbico, cubículo, cúbito, cúmplice, cúmulo, cúrcuma, dálmata, dárico, dátulo, décuplo, demérito, dentículo, descrédito, déspota, despropósito, diáfano, dialética, dialético, diâmetro, diatômico, diatônico, diérese, dígito, dilúcido, dilúculo, dissílabo, diurético, dógico, domínico, dórico, dríada, dúplice, ébano, eclíptico, écloga, ecumênico, efeméride, elephantíase, emérito, êmulo, enarmônico, encáustica, enclítico, ênfase, enfático, ensífero, eólico, éolo, epêntese, epílogo, epíteto, equiângulo, equilátero, equívoco, erótico, errático, específico, espetáculo, espiráculo, esplêndido, espórtula, esqualido, estelífero, estíptico, estrépito, estúpido, ésula, ético, etíope, etiópico, êxito, falsífico, famélico, fatídico, férula, férvido, fétido, fíbula, filósofico, finítimo, flâmine, flamínica, flâmula, freimático, frígido, frívolo, frondífero, fúcaro, fúlgido, fúlvido, fumádego, fúnebre, gândara, gangético, gárrulo, generalíssimo, genetliaco, gentílico, geográfico, geógrafo, geométrico, geórgico, germânico, ginástico, girândola, gladiolo, gomífero, gôndola, gramático, grandiloquo, grávido, grífico, habitáculo, harmônico, hebdômada, héctico, hégira, heléboro, helespôntico, helíaco, herético, hespérico, hieroglífico, hipérbaton, hipérbole, hipocrênico, hipóstase, hipostático, hispânico, histórico, homérico, honorífico, horóscopo, hórrido, horrífero, horrífico, horrissono, húngaro, ictiófago, ilegítimo, ilírico, ilustríssimo, imódico, implícito, ínclito, incógnito, íncola, incômodo, incrédulo, indiático, indígena, indígete, índole, indômito, ínfero,*

*ínfimo, infinitésimo, infrutífero, ingênito, íngreme, insípido, insólito, ínsula, ínterim, intérprete, íntimo, inúmero, inválido, iônico, israelítico, ítalo, jágara, janízaro, jônico, jubilo, lacônico, lanígero, lápida, lépido, levântico, lêvedo, léxico, ligústico, límpido, lírico, longímanso, lubrifico, lícido, lucífero, luctífero, lúdico, lúdrico, lusíada, lusitânico, macarrônico, mácula, madreperola, mafamético, mafomético, mágica, magnificentíssimo, malévolo, malíssimo, maníaco, maniáculo, maomético, marítimo, matemática, matemático, mátula, máxima, máximo, mecânica, medíocre, medúsico, melífero, menfítico, metátese, métope, metrópole, mínimo, misérrimo, módulo, monólogo, mórbido, móvito, múrmuro, náiaide, nêveda, nílco, nilótico, nítido, númida, numídico, obstáculo, olímpico, olímpada, olímpico, ômicron, opífice, opiniático, opíparo, óptico, opúsculo, oréada, pálido, pântano, panegírico, pânico, parabólico, paráclito, parcíssimo, párrafo, partícula, patronímico, paupérrimo, pávido, península, pérfido, pernóstico, pérola, pérsico, pertinacíssimo, pientíssimo, píparo, píncaro, pirâmide, pirático, plácido, platônico, pléiada, pórtico, pósterio, pragmática, precógnito, prestíssimo, prístino, probático, prônubo, prosélito, prótese, providentíssimo, pródigo, pudicíssimo, púnico, pusilânime, quadrângulo, quadrilátero, quadringentésimo, quadrúpede, quádruplo, quíntuplo, rábido, recâmara, receptáculo, receita, recíproco, régulo, réliquio, repúblico, ridículo, rígido, ríspido, rúbido, sáfara, ságena, sagitífero, salamântico, sálico, salutífero, sármata, sarmático, satírico, sátrapa, seiscentésimo, séjana, selvático, semicírculo, semidiâmetro, septívoco, seráfico, setuagésimo, sexcentésimo, século, silvático, simbólico, simplíssimo, sindérese, sinérese, sinodático, sirênico, sôbela, sôbolo, sôfrego, sólido, sórdido, superbíssimo, súpeto, súpito, sustentáculo, tábula, tágide, talmudístico, tartárico, tátaros, téssalo, tético, tirânico, tórrido, tóxico, tráccico, tráfico, trágico, trânsito, translúcido, tredécimo, tréplica, triângulo, trigêmeo, trípode, trôpego, túbara, túbera, tímido, túrbido, úbere, unânime, undívago, único, uníssono, vaníssimo, velocíssimo, vênere, véspero, v índice, vítima, víveres, zéfiro.*

Dessa extensa lista, apenas 22 são abonados em Cardoso, o que poderia indicar uma menor saliência (ou mesmo aversão ou ainda desconhecimento) dos muitos neologismos circulantes à sua época. São eles: *(a)náfica, arismético, asmático, cáfila, canafístola, catredático, ciática, cólica, condicípulo, gramático, indiático, íngreme, maniácolo, móvito, opinático, pérola, recâmara, ríspedo, salamântega, tráfego, trôpego, túbera*. Também consta como sendo do século XVI no Dicionário Houaiss a palavra *cigarra*, correspondente ao verbete *cigárega* em Jerônimo Cardoso. Na versão online do Grande Dicionário Houaiss, acrescentam-se *bêbera, étego, premática*, verbetes constantes em Jerônimo Cardoso, com *terminus a quo* no século XVI. Os termos *óculo(s), réplica, tísica, tísico, vinhádego*, constantes de Cardoso, aparecem no Dicionário Houaiss como sendo do século XVII (como *óculos, réplica, tísica, tísico, vinhádego*), no entanto, no Grande Dicionário Houaiss, seus *termini a quibus* foram retrodatados para o século XVI.

A palavra *fêvera*, presente em Cardoso não aparece em Houaiss: seu significado “bractea, æ” é entendido como “a folha doura” em Cardoso (1570), contudo, como variante de *febra*, consta no Dicionário Houaiss como sendo do século XVI. O termo *pícaro* aparece em Cardoso no verbete *pícaro do barrete* traduzido como “apex, -icis”; informação que se confirma em Cardoso (1570): “o pícaro do barrete ou a cocuruta da cabeça”, que corresponde mais ao termo

seiscentista *píncaro* constante no Houaiss (“o ponto mais elevado de um monte”), do que ao setecentista *pícaro* (“que ou aquele que é esperto, ardiloso, ladino”). A palavra *resfôlego*, constante de Cardoso, aparece no dicionário Houaiss (2001) como sendo do século XVIII e no Grande Dicionário Houaiss como do século XVII. Não há em nenhuma das duas versões do Houaiss a palavra *sôvaro*, apenas a sua variante do século XI *sobreiro* ~ *sovereiro*. Não procuramos o *terminus a quo* de antropônimos e topônimos constantes em Cardoso (*Córdova, Évora, Gênova, Hierônimo, Tângere*).

## CONCLUSÕES

Pelos dados levantados acima, é possível observar que vários problemas se levantam:

- É possível, dado o recorte artificial de uma sincronia (que pode envolver faixas de tempo bastante diferentes, dependendo da pesquisa empreendida, por exemplo, anos ou séculos) falarmos absolutamente de uma *quantidade* de palavras que representem a prolificidade de um paradigma, tal como o das proparoxítonas?
- É possível fiarmos em *corpora* como representantes dessas sincronias, sem levar em conta os esquecimentos de Cardoso (1562/1563) ou a inflação de termos com baixíssima frequência de uso em dicionários modernos, como o Houaiss?
- Com base nesses dois empecilhos, é possível traçar uma diacronia, sem o estabelecimento seguro dos *termini a quibus*, um dos principais problemas da lexicografia etimológica da língua portuguesa?

Aparentemente, dadas essas limitações, só é possível falarmos de hipóteses e não de étimos claros ou de qualquer outro tipo de explicação. Tal problema, obviamente, não se limita apenas ao problema das proparoxítonas, acima apresentado, mas a toda e qualquer empresa que envolva o estudo diacrônico da língua portuguesa.

Na falta de frequências de uso para sincronias pretéritas, que só podem ser tentativamente estabelecidas por *corpora* de textos antigos, nunca exaustivos, parece-nos que a única saída é o maior número de descrições de sincronias pretéritas possível, para evitarmos afirmações como “não havia proparoxítonas no português arcaico”, frase que os dados deste estudo evidenciam ser completamente falsa: já no século XIV, verifica-se um impressionante aumento de palavras cultas (de origem latina e grega), anterior ao Renascimento, de modo que o vocabulário medieval precisa ser mais bem conhecido para se evitarem afirmações preconceituosas ou algum *non sequitur* simplista, como o que associe o vocabulário de origem grega em português como consequência imediata do Humanismo ou do Renascimento.



# Notas

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

<sup>2</sup> Relevam-se, no momento, alguns problemas facilmente detectados nessas listagens, com relação à automação dos dados (*fixa*, *maligna* e *impacte* são formas flexionadas e não verbetes propriamente ditos, além da distinção artificial entre *nafta* e *Nafta*).

<sup>3</sup> Usaremos doravante o nome “subconjunto [xxx]” como uma forma abreviada quando nos referirmos ao conjunto de proparoxítonas do português brasileiro em uma sincronia pretérita qualquer ou na sincronia atual.

---

## Referências

---

ARAÚJO, Gabriel Antunes de; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio Oliveira; OLIVEIRA, Leonardo; VIARO, Mário Eduardo. Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português. **Caderno de estudos lingüísticos**. Campinas, v. 50 (1), p. 69-90, 2008. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637239/4961>>. Acesso em: 07 de março de 2019.

CARDOSO, Jerônimo. **Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem**. Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij, 1562-1563. Disponível em: <<http://purl.pt/15192>>. Acesso em: 07 de março de 2019.

CARDOSO, Jerônimo. **Dictionarium latinolusitanicum & vice versa Lusitanico latinũ, cum adagiorum ferè omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione: Ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione. Item de monetis, ponderibus & mensuris, ad præsentem vsum accomodatis. Nouè omnia per Hieronymũ Cardosum Lusitanum congesta. Recognita vero omnia per Sebast. Stokhamerum Germanum. Qui libellum etiam de propijs nominibus regionũ, populorum, illustrium virorum, fluviorum, montium, ac alliorum complurium nominum & rerum scitu dignarum, historijs & fabulis poëticis refertum, in vsum & gratiam Lusitanicæ pubis concinnauit & ex integro adiecit. Cũ sanctæ Inquisitiõis Magistratus approbatione**. Coimbra: Ioan. Barrerius, 1570. Disponível em: <<http://purl.pt/14265>>. Acesso em: 07 de março de 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande dicionário Houaiss**. Edição online, atualizada. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

VIARO, Mário Eduardo. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. **Estudos de lingüística galega**, v.2, p. 173-190, 2010. Disponível em: <<http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/view/1513/1383>>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

VIARO, Mário Eduardo; FERREIRA, Michael Jones; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio de Oliveira. Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e morfologia históricas. In: VIARO, Mário Eduardo. **Morfologia histórica**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 58-105.

VIARO, Mário Eduardo; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio de Oliveira. Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas do português. **Estudos lingüísticos**. Araraquara, v. 36 (1), p. 27-36, 2007. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/02.PDF>>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

VIARO, Mário Eduardo; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio de Oliveira. Acerca dos diferentes graus de distinção em fonologia: o caso dos fonemas portugueses em dissílabos do tipo CVCV. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 12(1), p. 125-148, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59861/62970>>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

---

### Para citar este artigo

---

VIARO, M. E.. Estudo diacrônico das proparoxítonas portuguesas. **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 514-531.

---

### O Autor

---

**Mário Eduardo Viaro** é professor livre-docente da DLCV-FFLCH-USP. Tem graduação em Linguística/Alemão pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Especialização em Tradução (língua alemã- CITRAT/FFLCH), Mestrado e Doutorado (área: Filologia Românica - DLCV/FFLCH) pela mesma universidade. Especializações em Mannheim/ Alemanha (DAAD - Institut für deutsche Sprache), Heidelberg (DAAD - Romanisches Seminar/ Universität Heidelberg) e em Chur/Suíça (Pro Helvetia - Lia Rumantscha/ Institut Rumancz Grischun). Pós-doutorado em Coimbra/ Portugal (FAPESP - Universidade de Coimbra).